

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

IX

(Colecção louvada pelo Ministério de Instrução Pública)

PEDRO FERNANDES THOMÁS

CANÇÕES POPULARES

DA

BEIRA

ACOMPANHADAS DE 58 MELÓDIAS RECOLHIDAS
DIRECTAMENTE DA TRADIÇÃO ORAL

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1923

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

5
72
3

CHARLES POTTER

BEIRA

CANÇÕES POPULARES

DA

BEIRA



SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA

IX

(Colecção louvada pelo Ministério de Instrução Pública)

PEDRO FERNANDES THOMAS

CANÇÕES POPULARES

DA

BEIRA

ACOMPANHADAS DE 58 MELODIAS RECOLHIDAS
DIRECTAMENTE DA TRADIÇÃO ORAL

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1923

Desta edição
tiraram-se 100 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

Estando ha muito esgotada a primeira edição desta colecção, que viu a luz da publicidade em 1896, na Figueira da Foz, sai ella agora em nova edição refundida e ampliada com mais algumas canções, recolhidas na mesma região.

Nesta edição suprimimos os acompanhamentos de piano, que figuravam na primeira, reproduzindo-se as melodias tais quais o povo as canta, em toda a sua simplicidade, a exemplo do que já fizemos nas nossas colecções Velhas Canções e Romances populares, e Cantares do povo.



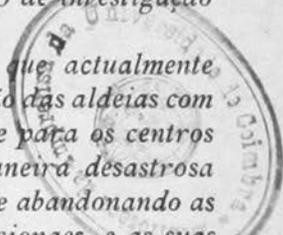
PREFACIO DA 1.ª EDIÇÃO

Iniciamos com a publicação do presente volume o archivo da poesia e da musica do nosso povo, que de ha muito vimos recolhendo em differentes pontos do paiz.

Inteiramente organizado e prompto a entrar no prelo desde 1891, motivos superiores á nossa vontade tem demorado até hoje a publicação d'este livro.

Começamos, na vasta colheita regional que temos feito, pela publicação das canções populares da pittoresca provincia da Beira, uma das mais originaes e características do paiz, e onde se conservam ainda vivas e persistentes na memoria do povo innumer as lendas, canções e contos tradicionaes, offerecendo ao explorador dedicado largo campo de investigação na litteratura e arte popular.

A facilidade de comunicações que actualmente põe em contacto directo a população das aldeias com as cidades, a emigração crescente para os centros populosos, tem influido d'uma maneira desastrosa nas canções do nosso povo, que vae abandonando as formosas e singelas cantigas tradicionaes, e as suas características danças tão variadas e originaes, tro-



cando-as pelas pretenciosas danças de sala, ou pelos «motivos» mais ou menos deturpados da «operetta» em voga, pelo «fado» transportado das vielas escuras das cidades para os campos e para as aldeias, com a substituição da antiga «viola d'arame» pela moderna guitarra . . .

Urge pois archivar o que ainda resta de verdadeiramente original nas ingenuas canções do nosso povo, e são esses os intuitos d'este livro.

Tanto a poesia como a musica foram por nós directamente recolhidas, e os acompanhamentos de piano revistos pelo distincto professor Hernani Braga.

Temos prompto a entrar no prelo um outro volume contendo grande numero de canções recolhidas no littoral do paiz, acompanhadas da respectiva musica, cuja publicação se não fará esperar.

Figueira da Foz, outubro de 1896.

INTRODUÇÃO

- 1) Os estudos da musica e poesias locais. — 2) O amor e o coração na poesia popular; veia satyrica do povo. —
- 3) Concepção poetica da Natureza. — 4) Observações phisicas, moraes e psychologicas contidas nas canções. —
- 5) Elementos da vida collectiva: religião, superstições, costumes, linguagem. — 6) Meios de realçar o pensamento; estylo poetico. — 7) Variantes e suas especies. — 8) Fórma das cantigas; e influencia litteraria, sobretudo coimbrã. —
- 9) Importancia do livro do Sr. Pedro F. Thomaz.

1 -- Como não vem a proposito escrever aqui a historia dos estudos das tradições populares, basta lembrar que no nosso país foi Garrett quem primeiro colligiu tradições populares com intuito scientifico, no seu *Romanceiro*, e que a este trabalho se seguiram outros, quer condensados em livros, quer dispersos em jornais e revistas. Nos meus *Ensaios ethnographicos*, vol. 1, parte 2.^a, indiquei a bibliographia completa do assumpto, e para lá tomo a liberdade de remetter o leitor curioso.

Tanto pelo que respeita á poesia, como pelo que pertence a outros ramos das tradições populares, não está ainda entre nós colleccionado tudo o que existe. Convém pois que em cada localidade haja devotados investigadores que com boa vontade vão

preenchendo as lacunas que ainda existem no thesouro da ethnographia nacional. Fallando especialmente da poesia lyrica local, — pois é d'ella que o presente livro se occupa —, notarei porém que, por exemplo, o Sr. Theophilo Braga já colligiu canções dos Açores nos seus *Cantos populares do archipelago açoriano*, o Sr. Silvio Romero canções brasileiras nos seus *Cantos populares do Brasil*, e mais que todos o Sr. Antonio Thomaz Pires canções alemtejanas nos seus *Cantos populares do Alemtejo*, publicados na «Sentinella da Fronteira», jornal de Elvas.

Agora traz o Sr. Pedro Fernandes Thomaz tambem a publico um valioso cancionero beirão, de mais a mais enriquecido com musicas populares: e isto é motivo para que todos os que tomam a peito estes assumptos se encham de satisfação.

A musica é elemento ethnographico importante, e por isso digno de estudo: de facto nos revela, como a poesia, o sentimento, o character, o gosto e a aptidão esthetica do povo; alem d'isso, pela comparação da musica de differentes povos, podemos chegar a propôr e a resolver os mesmos problemas que a proposito da poesia. Já o Sr. Neves e Mello, em 1872, nos havia dado, nas suas *Musicas e canções populares*, uma primeira collecção de melodias populares, a qual, segundo tenho ouvido dizer, está bem feita. Ultimamente, em 1883, começaram a publicar no Porto os Srs. Cesar da Neves & Gualdino de Campos um *Cancioneiro de musicas populares*: a parte litteraria, pelo menos a dos quinze primeiros fasciculos, tem pouco valor, como mostrei na

Revista Lusitana, III, 190-192; da parte musical nada posso dizer. A estas duas obras se reduz o que existe ácerca da musica popular.

Ainda pois tambem pelo que diz respeito á musica, o livro do Sr. Pedro Fernandes Thomaz não é superfluo, visto não haver muito no nosso pais sobre isso. Faltam-me conhecimentos technicos para apreciar a parte musical do livro, ainda que penso que ella será de muito merecimento, porque o Sr. Pedro Fernandes Thomaz possui grandes conhecimentos de musica, e cultiva-a com distincção; por tanto, nas breves observações que adeante apresento, limito-me ao estudo da parte litteraria.

2 — O povo, quando canta, revela na poesia toda a sua alma: o que pensa das leis morais da vida, do amor, da Natureza. Este livro dá-nos muitas provas.

Estorvar-me que te ame,
Só Deus tem esse poder...

diz-se a pag. 6; aqui está uma noção geral do fatalismo.

A nossa poesia popular é frequentemente triste:

Tudo que é triste no mundo,
Gostava que fosse meu;
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu! (Pag. 45);

todavia na presente collecção poucas cantigas ha tristes,

O que domina sempre é a ideia do amor. E
que delicados sentimentos ás vezes se exprimem!:

Meu amor está doente
Numa caminha de flores:
Nosso Senhor o melhora,
E lhe acabe aquellas dôres! (Pag. 192).

D'aqui para a tua rua
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Dispostas por tua mão. (Pag. 122);

canções em que se vê que o povo não acha nada
mais digno da pessoa amada do que as flores.

Que arrojado de imaginação!:

Eu hei-de-me ir assentar
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor
As voltas que dá na rua... (Pag. 17)

Se me encontrares cadaver
À porta de uma ermida,
Nem sequer com o pé me toques,
Que posso voltar á vida... (Pag. 9)

O desespero de quem ama revela-se na seguinte
quadra:

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
Meu coração 'stá farto
De dar suspiros e ais... (Pag. 72)

Não pode haver em amor resignação superior á
que nos seguintes versos se traduz :

Não choro por me deixares,
Que o jardim mais flores tem ;
Choro por não encontrares
Quem te queira tanto bem. (Pag. 49)

Para o povo, como para o geral das pessoas, o
coração é o órgão do amor :

Menina, se sabe ler,
Leia no meu coração :
Dentro d'elle ha-de achar
Se lhe quero bem ou não (Pag. 93);

mas o povo faz d'elle uma entidade perfeitamente
distincta do corpo: numa cantiga diz-se que o cora-
ção, voando, foi cahir dentro do da pessoa amada,
e que, tendo quebrado as asas, não pode sahir de lá
(pag. 4); noutra o coração é como um cofre que se
fecha (pag. 49),— ideia melhor desenvolvida nestes
versos :

Aqui tens meu coração,
A chave para o abrir :
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir (Pag. 139);

o que combina com as representações figuradas,
pois a cada passo vemos em diversas manifestações
da arte popular, como emblema ou como adôrno,
um coração provido da sua chave.

Não raro porém todos os affectos e ternuras se

transformam em ironias. Que mais pôde dizer um homem a uma mulher? :

Eu amava-te, menina,
Se não fosse um senão :
Seres pia de agua-benta
Onde todos põe a mão... (Pag. 92)

ou uma mulher a um homem? :

Tanto dedal, tanto anel,
Tanto agulheiro de prata ;
Tanto asno pelo mundo
E a palha sem 'star barata ! (Pag. 180)

3 — Já acima vimos como o povo recorria á Natureza, ás flores, para aproveitar elementos poeticos. A concepção poetica que o povo forma da Natureza é realmente muito notavel. Elle invoca-a constantemente, a proposito de tudo: *Denegrída violêta, quem me dera a tua còr! Oh arvoredado fechado, não digas que eu aqui vim! Estrellas do ceu cahi! Oh alto e verde cipreste, cobre-me com a tua sombra!* O cravo e a rosa são os typos perfectos das flores :

Oh que pucaro tão bello,
Que agua tão saborosa!
Quem na bebe é um cravo,
Quem na dá é uma rosa ! (Pag. 49)

4 — Ao mesmo tempo que na poesia exprime os seus sentimentos intimos, o povo faz de vez em quando observações de toda a ordem :

a) « physicas: Junqueiro perto do mato é signal

de fonte haver » (pag. 193), « Oh alta Serra da Estrella, onde coalha a neve pura ! » (Pag. 247);

b) moraes:

Minha mãe chamou-me Rosa,
Tinha de ser desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa
Que não seja desfolhada (Pag. 167);

« quem não quer que o mundo falle, não lhe dê ocasião » (pag. 194);

c) psychologicas:

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos num momento:
Olho p'rá terra que pisas,
E com isso me contento... (Pag. 8);

Aquelle primeiro amor
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembra constantemente! (Pag. 75);

5 — Pelo estudo da poesia popular apreciamos ainda muitos elementos da vida collectiva: a religião, as superstições, os costumes, — pois de tudo o povo se aproveita para exprimir os diversos estados de consciencia; e apreciamos ainda por vezes tambem as variações da linguagem. Aqui vou dar diversos exemplos.

A última parte d'este livro contém canções locais, e lá achará o leitor algumas manifestações do sen-

timento religioso, além de outras dispersas no corpo da obra, como:

A Senhora do Castello
Tem uma capa bordada:
Quem me dera assim ter uma,
Para dar á minha amada! (Pag. 228).

No *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, ha tambem (se bem me lembro, pois cito de memoria) uma situação em que o Padre colloca sobre os hombros de Amelia o manto de Nossa Senhora.

Na quadra:

As telhas do teu telhado
São vermelhas, tem virtude:
Passei por ellas doente,
Logo me deram saude (Pag. 181)

vejo o vestigio de uma antiga superstição, pois para alguns povos a côr vermelha goza de virtudes mirificas contra os maus espiritos: é ainda por isso que freqüentemente se vêem na testa e ao pescoço dos animaes, — jumentos, bois, cabras, etc. —, fitinhas vermelhas, que o povo vae explicando ja hoje como mero enfeite (e por isso ás vezes emprega, embora não vulgarmente, outras côres), mas que tem differente origem. O auctor d'aquella quadra não quer dizer, segundo penso, que a saude lhe proveiu propriamente da virtude das telhas: elle sabe que as telhas, sim, tem virtude ingenita; mas por outro lado, o de passar junto da porta da namorada é-lhe salutar: então, por um elegante conceito, funde

as duas ideias, e faz aparentemente attribuir ás telhas, — cuja virtude suppõe sabida — a saude que só lhe chega da namorada. As quadras da pag. 57 e pag. 70, que são parallelas, uma á outra e se completam mutuamente.

O anel de azeviche preto
Anda-me aos saltos no dedo :
Eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo...

O anel que tu me deste
Anda-me aos saltos no dedo;
Se tu me quiseras bem,
O anel estaria quêdo...

parece-me conterem tambem um echo supersticioso, mas falta-me o tempo para entrar agora em desenvolvimentos.

As allusões aos costumes populares na poesia popular abundam. Este livro offerece-nos por exemplo as seguintes. A pag. 109 diz-se: « O lencinho que bordaste tem dois corações no meio »; é sabido que nas tendas, principalmente em feiras, se vendem lenços com corações bordados e com versos; por outro lado os lenços constituem prendas muito vulgares entre os namorados, como já mostrei nas *Tradições populares de Portugal*, pag. 216. Nos descantes populares da Beira não falta nunca a viola; uma cantiga diz:

Menina, não se namore
Do tocador da viola;
Que elle é de fóra da terra,
Faz a sua e vai-se embora. (Pag. 119).

Outros costumes se podiam ainda mencionar, como o de ter parreira á porta (pag. 93), e certos costumes campestres, etc. Às vezes os costumes e instituições a que se allude são antigos, como a *penna aparada*, isto é, penna de ave para se escrever (pag. 145), os enterramentos nas igrejas, já hoje raros (pag. 123), os conventos (pag. 115), o que prova que, — e não era precisa essa prova para aceitar o facto —, que as quadras que hoje se cantam, datam, no geral, de tempos remotos.

Quanto á linguagem popular, o livro do Sr. Pedro Fernandes Thomaz offerece-nos a pag. 18 uns versos em que *avó* rima com *sou*, do que se infere que na região da Beira, em que elles se cantam, o ditongo *ou* se condensa em *ô*; offerece mais: *home* em rima com *come* (20), e os seguintes vocabulos: *arcipreste* e *acipreste* (23 e 142), *musga?* (81), *graúma* (88), *alvoredado* (140), *indas que* (158), *videira cerceal* (172), *antes que* = ainda que (175), *pantufos* (181: aqui que significa?), *indas* = ainda, *Esgueirôa* = mulher de Esgueira.

6 — O povo realça os seus pensamentos com a addição de frequentes e variadas comparações, com a intercalação de adagios frisantes, com hyperboles, com antitheses, e ainda com diversos artificios rhetoricos. Por brevidade não cito senão muito poucos exemplos. As comparações são a maior parte das vezes tiradas da Natureza:

Não ha sol como o de maio,
Luar como o de janeiro;
Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro. (Pag. 97);

A maçã do acipreste
É doce e tem casca amarga:
É como o amor dos homens,
Tanto péga, como larga. (Pag. 140);

mas podem ser tiradas de outros factos: « a honra é como o vidro » (70). Umas vezes comparam-se cousas em si mesmas, como nos exs. citados; outras vezes comparam-se actos e circumstancias:

José me ensinou a amar,
Que eu nada d'isso sabia:
Para agora me deixar
Como a noite deixa o dia. (pag. 9)

Eis agora alguns dos adagios: « Pela boca morre o peixe » (100), « Por bem fazer, mal haver » (172); o seguinte adagio « Tanto dá a agua na pedra, que a faz embrandecer » (168) é apenas modificação, perdida pelo metro, d'este: « agua molle em pedra dura, tanto dá até que a fura »; a mesma ideia se acha nos versos « As pedras tambem abrandam, e ellas bem duras são! » (78).

Entre as hyperboles noto: « Inda que eu viva mais annos do que folhas tem o vime » (100). Ha na nossa lingua, como noutras, certas phrases que exprimem o *impossivel*, e que servem para frisar melhor o que se quer dizer; este livro tem por exemplo estas: Quando o sol deixar de dar na ponta do alto freixo » (41); « Quando o salgueiro der baga, e o amieiro der cortiça » (44)¹. A esta

(1) Variante que colhi no Norte do pais:

Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça...

classe pertencem modismos como: « para a semana dos nove dias », « quando as galinhas tiverem dentes », « para as calendas gregas », « no dia de S. Nunca á tarde », « no dia de S. Cerejo ». Li uma vez num livro ou revista estrangeira um artigo sobre isto, mas não tenho agora presente nem o lugar, nem o titulo.

As antitheses é que são muito numerosas na poesia popular. Ha tambem escriptores que abusan d'ellas, como Victor Hugo. No presente livro leem-se muitas. Vide pag. 3, 27, 84, 88, 147, etc. Dos recursos rhetoricos fallarei já. Todos estes meios, as comparações, os adagios, as hyperboles, as antitheses, e os artificios de estylo, se têm, como disse, por fim realçar os pensamentos, exteriorizando-os, e fixando-os melhor, tambem em parte dependem da falta de ideias e da pobreza de vocabularios nas epochas de decadencia litteraria, como na dos gongoricos no seculo xvii, e na dos nephelibatás no seculo xix, tem-se abusado igualmente de muitos de taes meios.

Passarei a occupar-me, muito de corrida, dos artificios rhetoricos. Em primeiro lugar temos as antimetaboles: « Não façás caso de mim, que eu de ti caso não faço » (70), « Tenho corrido mil terras, mil terras tenho corrido » (80). Depois temos as repetições: « Quem falla de mim, quem falla? » « Quem falla de mim, quem é? » (105); « O que dirá, que dirá? Mas que ha-de ella dizer? » (164). Com repetições de versos formam-se estrophes

que não adiantam nada ás antecedentes, como a 2.^a d'estas :

Laranja da China,
O sabor que tem!
Gósto de dançar
Com quem dança bem.

Com quem dança bem,
Oh meu bem, meu bem...
Laranja da China,
O sabor que tem.

Aqui porém, como noutros casos, não devemos accusar de inanidade a musa popular; taes repetições são exigidas pelas necessidades do canto. Ao lado das repetições apparecem-nos os trocadilhos: por exemplo de *pennas* com *penas* a pag. 5. O povo emprega tambem allitterações, como: « Meninas, vamos ao *vira*, que lá vem a *viração* » (250); « Divino *imparador*, *imparai* a minha alma »: ¹. Por influencia da rima, criam-se muitas vezes palavras novas: como *parentada* (93), *carqueijar* (95), *farrapeirella* (19). Alem das neumas, como *lari-ló-lela*, empregam-se palavras meramente phonicas, sem sentido, apenas para satisfazerem o rhythmó,

Tum-tum, arraial,
Tum-tum, caracol,
Tum-tum pintasilgo,
Tum-tum, rouxinol (Pag. 79)

onde *arraial*, *caracol*, *pintasilgo* e *rouxinol* nada

(¹) No livro do Sr. Fernandes Thomaz lê-se *imperador* e *emparai*; mas a pronúncia popular é a que indico acima.

significam a par com a neuma *tum-tum*. Póde aqui citar-se juntamente o facto de se constituir uma serie de quadras com rimas symetricas em que as vogaes variam:

- } Quem tem farinha, tem pó... minha avó;
- } Quem tem farinha, tem pão... meu irmão;
- } Quem tem farinha, tem tem... minha mãe;
- } Quem tem farinha, tem tudo.. (Pag. 53-54);
- } Gente de toda a nação....
- } Gente de toda a comarca..

o que é especialmente vulgar com nomes de terras:

- } O vira é coisa boa.... Lisboa;
- } O vira é coisa linda... Coimbra;
- } O vira é uma rosa.... Pampilhosa; (Pag. 250)
- } Lá em Coimbra..... tão linda;
- } Lá em Cascaes... .. dava ais;
- } Lá em Lisboa..... tão boa (Pag. 12-13).

7— De um lado o facto de as cantigas passarem de terra para terra, e de epocha para epocha, o que as modifica, e do outro os magros recursos intellectuaes e lexicologicos do povo, fazem que não só uma cantiga revista differentes fórmãs, mas que a mesma fóрма se adapte a differentes cantigas. Temos de considerar quatro casos:

1.º — *Cantigas do mesmo thema, que são variantes totaes de outras:*

- a) Ó rio, que vaes correndo
De penedo em penedo...
Rio, leva-me uma carta
Ao meu amor em segredo. (1)

(1) *Canções populares da Beira*, pag. 110.

- a) Rio que vaes para baixo,
Diz-me se levas areia. .
Leva-me esta carta, rio,
Ao meu amor que a leia. (1)
- a) Oh minha pombinha branca,
Quando é que ha-de ser a hora
Que tu has-de dar um salto
D'esse pombal para fora? (2)
- b) Oh minha pombinha branca,
Oh minha branca pombinha,
Quando é que has-de dar um vôo
Da tua varanda á minha? (3)
- b) A maçã do acipreste
É dura, não amollece:
É como o amor dos homens...
Triste de quem o conhece! (4)
- c) A maçã do acipreste
É doce e tem casca amarga;
É como o amor dos homens,
Tanto péga, como larga. (5)

Outros exemplos são ministrados pelas poesias intituladas *A dhalia* (11 sgg.) e *Amelia* (195 sgg.).

2.º — *Cantigas que offerecem apenas em commum alguns versos parciaes, mas que differem entre si nos themas:*

- a) Pus-me a chorar saudades
Ao pé da agua corrente:
A agua me respondeu:
O amor não dura sempre. (6)

(1) *Tradições populares de Portugal*, pag. 84.

(2) *Canções populares da Beira*, pag. 113.

(3) Cantiga que tenho ouvido em diferentes partes.

(4) *Canções populares da Beira*, pag. 93.

(5) *Ibidem*, pag. 140.

(6) *Ibidem*, pag. 148.

- a) Pus-me a chorar saudades
Ao pé da agua que corre:
A agua me respondeu:
Quem tem amores não dorme. (1)
- b) O sette-estrello cahiu
Numa folha de giesta:
Cada vez te quero mais...
Olha que cegueira esta! (2)
- b) O sette-estrello cahiu
Numa pedra ficou côxo:
O lirio com saudade
Logo se vestiu de roxo. (3)
- c) Oh alecrim, rei das hervas,
Oh oiro, rei dos metaes:
Vossos olhos, rei das luzes,
A quem eu venero mais. (4)
- c) Oh alecrim, rei das hervas,
Oh oiro, rei dos metaes:
Quem dá fallas a brejeiros
O que recebe são ais! (5)

3.º — *Cantigas que, não tendo o mesmo thema, nem versos iguaes, tem contudo estructura grammatical muito semelhante:*

- a) Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós se estima mais?
Eu, cravo, pelas esquinas,
Tu, rosa, pelos quintaes. . (6)

(1) Cantiga muito vulgar.

(2) *Canções populares da Beira*, pag. 4.

(3) *Tradições populares de Portugal*, pag. 27.

(4) *Canções populares da Beira*, pag. 44. — A pag. 71 falla-se do *junquillo, rei das flores*. Aqui a palavra *rei* significa *primeiro* (princeps).

(5) *Tradições populares de Portugal*, pag. 117.

(6) *Canções populares da Beira*, pag. 30.

- a) Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como sol a buscar-te,
Tu, como sombra a fugir-me... (1)

4.^o — *Cantigas, cujos versos são no todo quasi os mesmos, mas applicados a themas differentes :*

- a) Manuel, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata:
As moças não vão á fonte,
Manuel todo se mata. (2)

- a) S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata:
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata. (3)

As cantigas locaes e religiosas apresentam muitos exemplos d'esta especie: uma mesma cantiga é applicada a differentes terras e santos. O povo serve-se até do material antigo para o applicar ás ideias modernas; a seguinte quadra da pag. 250:

Meninas, vamos ao vira,
Que lá vem a viração:
Que lá vem os marujinhos
A cheirar ao alcatrão...

(1) *Poesia amorosa do povo português*, pag. 130.

(2) *Canções populares da Beira*, pag. 143.

(3) Cantiga muito vulgar.

Tem esta variante na mesma pagina:

Meninas, vamos ao vira,
Que lá vem a viração:
Lá vem o comboio novo
A chegar á estação...

onde entra a moderna ideia de *comboio*, que, como é sabido, ha pouco tempo existe. Outra cantiga, de pag. 3.

Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem:
Lá dizem os dos caminhos:
Lindos olhos tem meu bem...

foi evidentemente elaborada ha pouco; todavia lá entra o verso «Lindos olhos tem meu bem», que se acha por exemplo nesta que ouvi a uma mulher de Fozcôa:

Lindos olhos tem meu bem
Com sanefas (sobrancelhas) de velludo:
Inda espero de lograr
Olhos, sanefas e tudo ..

A cantiga de pag. 32:

O ladrão do *machinista*
Por onde leva o vapor!
Leva-o por fóra das *calhas*,
Lá me mata o meu amor...

é do mesmo modo contemporanea, mas como o tom de outras tradicionaes; uma, que me lembra agora, começa:

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho...

Estas cantigas em que se allude á ideia moderna dos caminhos de ferro mostram que a musa popular está em constante elaboração.

8 — Seguia-se fallar da metrificação (versos, estrophes, rimas), mas d'este assumpto já me occupei um tanto na *Poesia amorosa do povo português*, pag. 14 seg., e não desejo aqui repetir o que lá disse.

Lembrarei unicamente que no presente livro, além do verso de redondilha maior, que é predominante, se encontram algumas poesias e estrophes em versos de cinco syllabas (« Eu vi a dhalia ») e de seis (« Ora vira ao Norte »).

As estrophes constituem em geral quadras, como costuma acontecer na poesia popular; muitas vezes, pela repetição de versos, ou intercalação de estribilhos formam-se das quadras outras especies de estrophes, como se vê a pag. 69:

Oh quem me dera saber,
Luisinha bonitinha,
O preço que o roxo tem;
Para me vestir assim,
Luisinha bonitinha,
Com sentimento de alguém.

Vid. outros exemplos a pag. 95 e 162. A apparente oitava de pag. 7 resolve-se propriamente em duas quadras. A pag. 121 temos uma quintilha, que, com a repetição de alguns dos versos, se torna oitava. A pag. 164 temos uma oitava com versos de redondilha menor, em que o verso 5.^o é repetição do 4.^o

Varios versos são irregulares, como a pag. 21:

Ai! ai! minha machadinha,
Quem te offendeu, sabendo que és minha?

e outros a pag. 65, 83, 95, 113; algumas d'estas irregularidades devem explicar-se pela fusão de versos pequenos, como succede com os versos de pag. 65:

A panella ao lume, e o arroz s'tá cru!
Dizem mal de mim, deixa-lo dizer!

que se decompõem em versos de redondilha menor:

{ A panella ao lume,
{ E o arroz está cru!

{ Dizem mal de mim,
{ Deixa-lo dizer!;

e como também succede com os ha pouco citados, que se decompõem assim:

Ai! ai!
Minha machadinha,
Quem te offendeu,
Sabendo que és minha?

sendo *Ai! ai!* como que estribilho, e havendo no segundo verso um hiato; outras irregularidades poderão explicar-se pelas exigencias do canto. Os versos de pag. 55, de arte maior,

Era um anjo, meu Deus, era um anjo,
Era um anjo, meu Deus, que eu amei...

constituem, quanto a mim, um estribilho de origem litteraria intercalado numa poesia de origem popular.

Grande parte das cantigas foi colhida na cidade de Coimbra, onde está a Universidade, e onde é íntimo o contacto entre os estudantes e o povo: d'aqui o emprêgo de versos como aquelles, e o apuro de certas expressões que não se encontram vulgarmente nas poesias populares, como « os teus olhos crystalinos » a pag. 66. A influencia dos estudantes de Coimbra prova-se directamente:

Estudantes de Coimbra
Moram por baixo da ponte:
Por causa das raparigas
Muito çapato se rompe. (1)

Inda agora aqui passou
Antoninho p'ró estudo:
Cara de neve coalhada,
Olhos de limão maduro... (2)

Muitas das cantigas locais têm também por thema a cidade de Coimbra: vid. pag. 231 ssg.

A cantiga de pag. 32,

Ai! amor, ai! amor, ai! amor,
Ai! amor do meu coração,
Qui tollis, qui tollis, qui tollis,
Dá-me um beijo, *miserere nobis...*

parece semi-litteraria, por haver lá palavras la-

(1) *Canções populares da Beira*, pag. 231.

(2) *Ibidem*, pag. 163.

tinhas, e o povo não saber latim, como se diz a pag. 63:

Amor, não me escrevas
Cartas em latim;
Que eu não as sei ler,
Dás cabo de mim...

todavia o latim d'aquella quadra é ecclesiastico, e o povo está costumado a elle. — A poesia de pag. 129, *Lyrio roxo*, tenho-a toda como litteraria, apesar de o Sr. Fernandes Thomaz me affirmar que a ouviu ao povo; decerto a ouviu, mas isso não basta para se poder dizer que ella é popular; já tambem tenho ouvido cantar ao povo versos de Soares de Passos, de Palmeirim e de outros poetas. A poesia de que se trata lembra na fórma as odes anacreonticas e as cançonetas. Eis para amostra uma quadra d'ella e' outra de uma poesia de Bocage:

Oh goivo tristonho,
Das campas ornato,
Do meu coração
Tu és o retrato. (1)

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato. (2)

Sem duvida os poetas muitas vezes inspiram-se no tom da poesia popular, e outras vezes os poetas e o povo tem independentemente uns dos outros a

(1) *Canções populares da Beira*, pag. 130.

(2) *Poesias de Bocage*, ed. de Innocencio, II, 115.

mesma inspiração ¹, mas não creio que se dê aqui

(¹) Nas *Canções populares da Beira* ha uma poesia intitulada « Vira ao Norte », em que se lê a pag. 8 :

Vira, vira,
Torna-te a virar...

Em Garrett, *Folhas caídas*, 4.^a ed., pag. 139, lê-se tambem :

Quem é esta que mais voltas
Gyra, gyra, sem cessar?

Numa a repetição *vira-vira* e noutra a repetição *gyra-gyra* dão mais sensivelmente ideia da dança; e comtudo a semelhança é casual.

Nas *Canções populares da Beira*, pag. 47 apparece-nos uma quadra assim :

Adeus campos, adeus valles,
Adeus, amor que eu amei :
Inda agora adoro o sitio
Onde contigo fallei.

Garrett exprimiu o mesmo pensamento nas suas admiraveis poesias « Estes sitios » e « Cascaes », que vem nas *Folhas caídas*.

Numa poesia popular que ouvi no Norte diz-se :

Lá vem a lua sahindo
C'uma lanceta na mão...

onde o crescente é comparado com uma lanceta aberta; na *Morte de D. João*, 2.^a ed., pag. 257, de G. Junqueiro diz-se :

O crescente da lua.....
Brilhava como a folha enorme de um cutello.

Em nenhum d'estes casos ha plagio ou imitação : ha coincidência; nem é de admirar que individuos do mesmo pais, que fallam a mesma lingua, e bebem na mesma fonte de inspiração, tenham pensamentos communs, expressos por fórmas analogas.

nenhum dos casos: houve pois influencia litteraria, como a feição geral da linguagem o faz admitir.

9— O estudo da nossa poesia popular provoca ainda muitas mais discussões do que as que acima apresentei; mas eu não podia tratar de todos os pontos neste artigo — que não passa de breve introduccção a uma collecção de cantigas locaes —; além d'isso procurei cingir-me sempre o mais possível, nas minhas rapidas observações, aos textos poeticos que aqui tinha de analysar. No emtanto vou indicar alguns trabalhos em que se trata grande número de assumptos geraes de poesia popular:

La poesia popular in Italia, por A. d'Ancona, Livorno, 1878;

Sjtudj di poesia popular, por G. Pitré, Palermo, 1872;

Canti popolari del Piemonte, por C. Nigra, Torim, 1888;

De l'étude de la poésie populaire en France, por G. Paris (in *Mélusine*, 1, 1 sgg.);

Les origines de la poésie lyrique en France au moyen âge, études de littérature française comparée, por A. Jeanroy, Paris, 1889;

Poesia popular, por Demófilo, Sevilha 1833 (reproduzido in vol. v dos *Cantos pop. españoles*, de F. R. Marim, Sevilha, 1883);

Estudios de literatura popular, por A. Machado y Alvarez (in vol. v da *Biblioteca de las tradic. pop. españolas*, Madrid, 1884);

Analogia entre los cantares alpinos y los andaluces, por H. Schuchardt (in *El Folk-Lore andaluz*, Sevilha, 1882-1883);

Volkslitteratur, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, capitulo da *Hist. da litterat. portuguesa*, inserida in *Grundriss der romanischen Philologie* (pag. 145 seg.), Estrasburgo, 1894.

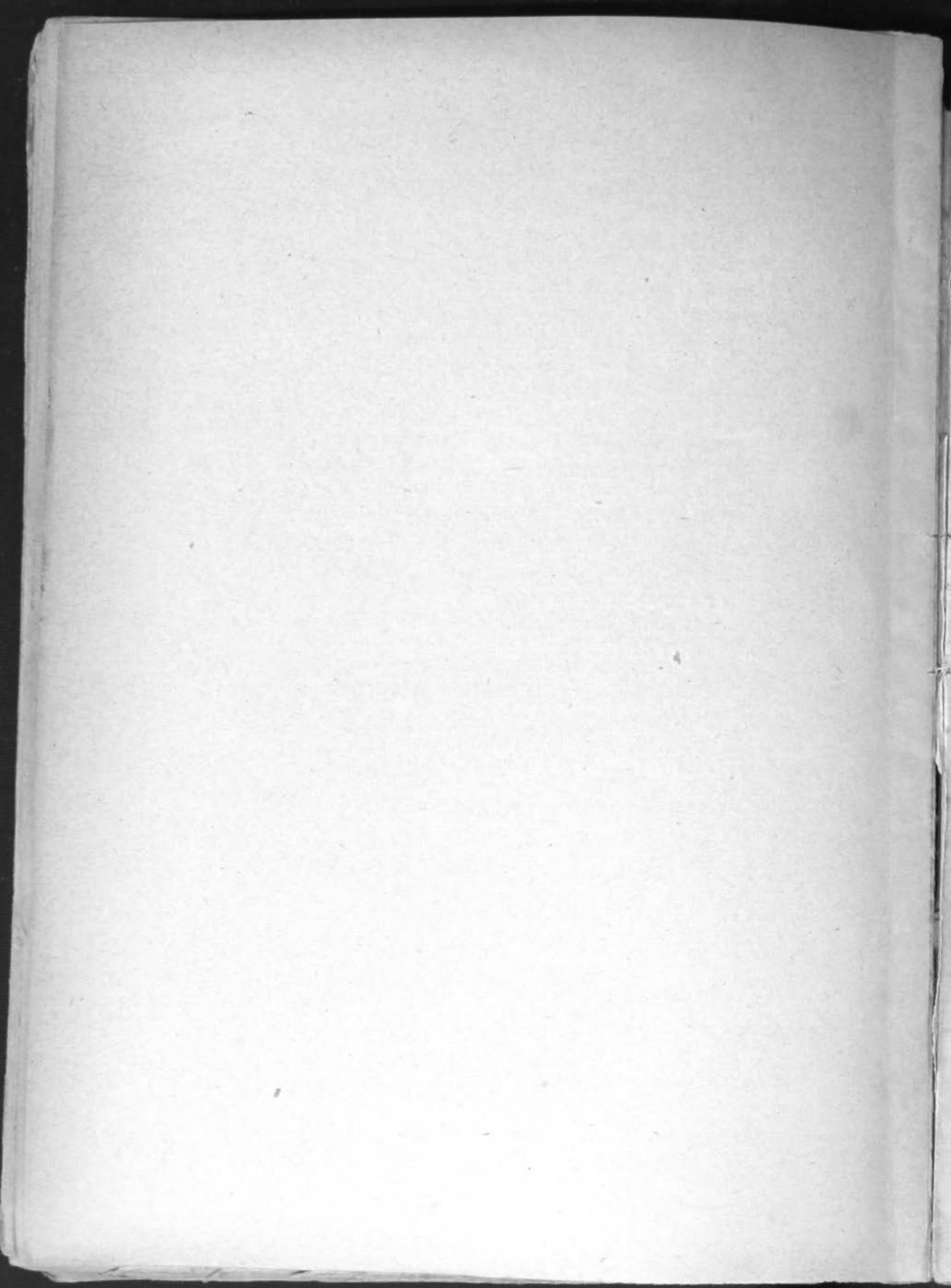
Ainda assim, do que acima escrevi vê-se que o trabalho do Sr. Pedro Fernandes Thomaz, encan-

rado pelo lado scientifico, está cheio de elementos de estudo, e encarado pelo lado litterario contém bellos trechos de genuina poesia popular portuguesa, que todos lerão com prazer, tanto mais que a nitidez typographica da obra contribue para o agrado da leitura; a estes meritos junte-se o de vir a maior parte das canções acompanhada da respectiva musica local: e ter-se-ha a prova de quão importante foi o serviço prestado ás lettras, á arte e á ethnographia portuguesas pelo Sr. Pedro Fernandes Thomaz, que, para o levar a effeito com o gôsto, intelligencia e desvelo que no presente livro se patenteiam, não se poupou nem a fadigas, nem a sacrificios.

Eu sei que elle, aproveitando algumas das horas que o seu cargo de professor da Escola Industrial da Figueira da Foz lhe deixa vagas, tenciona proseguir nestas tarefas, e não dormir, como muitos, sobre os louros colhidos: nisso está pois novo motivo de applauso.

Lisboa, 5 de Outubro de 1896.

J. Leite de Vasconcellos.



CANÇÕES POPULARES

Por mais amores que eu tenha,
A ti não te hei-de deixar.

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu coração voando,
Dentro do teu foi cahir ;
No meio partiu as asas,
De lá não pôde sahir.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Debaixo do verde cedro
- Agua clara vi correr :
Neste mundo tudo esquece,
Só de ti não pôde ser !

Caminhos de ferro já correm, etc.

O sete-estrela cahiu
Numa folha de giesta :
Cada vez te quero mais...
Olha que cegueira esta !

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu coração por arte
Entrou no teu pensamento :
É como o crime de faca,
Que nunca tem livramento.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Algum dia, em te vendo,
Morria por te fallar :
Agora nem posso ver-te,
Nem ouvir-te nomear.

Caminhos de ferro já correm, etc.

A alegria dos meus olhos,
Oh meu Deus, quem m'a levou ?
D'antes era tão alegre,
Agora tão triste sou !

Caminhos de ferro já correm, etc.

O alecrim de Castella
Tem a folha recortada :
Quem souber dos meus amores,
Cale-se, não diga nada.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Tira-te d'essa janella,
Minha folhinha d'alface :
Já d'aqui me estás par'cendo
Raios de sol quando nasce.

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu amor deu-me penas,
Agora posso voar ;
Quanto mais penas me der,
Mais eu gosto de o amar.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Denegrída violeta,
Quem me dera a tua côr,
Para com ella poder
Escrever ao meu amor!

Caminhos de ferro já correm, etc.

Já me estorvam que te falle,
Mais não me podem fazer:
Estorvar-me que te eu ame,
Só Deus tem esse poder.

*Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem;
Lá dizem os dos caminhos:
— Lindos olhos tem meu bem.*

VIRA AO NORTE

(CHOREOGRAPHICA)

The musical score is written on four staves. The first staff is a vocal line in G major, 2/4 time, with lyrics: "du todo te coibe-ces Fla... da ve te se me dava Sur". The second staff continues the vocal line with lyrics: "pau sa unalidoz mi xi, Sem cuidados a-ces-dava". The third staff is a piano accompaniment with lyrics: "dava Ora viras No te, vira No te, vira Sul Quando vi". The fourth staff continues the piano accompaniment with lyrics: "no No te, fica o ceu a-zul, Vi-ra vira to na La si rat, Joozã ba-". The piece concludes with a final chord on the fourth staff.

Raparigas cantae todas,
Que inda aqui não ha tristeza:
Inda aqui não ha quem tenha
Sua liberdade presa.

*Ora vira ao norte,
Vira ao norte, vira ao sul...
Quando vira ao norte,
Fica o ceu azul.*

*Vira, vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos,
Que me estais a dar!*

Oh adro, quem te minara
Lá por debaixo do chão:
Oh amor, quem te lograra,
Sem haver murmuração.

Ora vira ao norte, etc.

Semei, não apanhei,
Herva cidreira na areia;
Quem semeia, não apanha,
Que fará quem não semeia?

Ora vira ao norte, etc.

Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar;
Minha mãe não me dá outro,
Em cabelo hei-de andar.

Ora vira ao norte, etc.

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos num momento:
Olho pr'á terra que pisas,
E com isso me contento.

Ora vira ao norte, etc.

Apalpei meu lado esquerdo,
Não achei meu coração;
Chegou-me a feliz notícia
Que estava na tua mão.

Ora vira ao norte, etc.

Se me encontrares cadaver
À porta d'uma ermida,
Nem sequer c'o pé me toques,
Que posso voltar á vida...

Ora vira ao norte, etc.

José me ensinou a amar,
Que eu nada d'isso sabia;
Para agora me deixar,
Como a noite deixa o dia.

Ora vira ao norte, etc.

Á tua porta, briosá,
Faço gôsto em morar;
Quero ver esse teu brio,
Briosá, adonde irá dar.

Ora vira ao norte, etc.

A folhinha do salgueiro
De amarello encarnou;
Estavas p'ra mim tão firme,
Oh amor, quem te virou?

Ora vira ao norte, etc.

Hei-de comprar um veu preto
Para cobrir o meu rosto,
Para que nenhum vadio,
Nos meus olhos faça gôsto.

*Ora vira ao norte
Vira ao norte, vira ao sul...
Quando vira ao norte,
Fica o ceu azul.*

*Vira, Vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos,
Que me estais a dar!*

A DHALIA
(CHOREOGRAPHICA)

Eu vi a dhalia no seu jar-dim; Eu vi a
caixao do-a o cla-rim; Tocam-se

dhalia no seu jar-dim. São peque-ni-na e tua ao-sim São peque-
caixao do-a o cla-rim; Sim, sim se abotoa dizeo ao-sim Sim, sim se

1.ª vez 2.ª vez
mini dizeo ao-sim Tocam-seas Sim, sim que rida Que mal te

fiz Sim, sim que rida Que mal te fiz, Eu já não a-amo. Um infe-

liz Tu já não amas Um infe-liz

Eu vi a dhalia }
No seu jardim; } bis
Tão pequenina, }
Dizia assim. } bis

Tocam-se as caixas, }
Sôa o clarim, } bis

Sim, sim, senhores, } *bis*
Diçia assim.

Sim, sim, querida, } *bis*
Que mal te fiz?
Tu já não amas, } *bis*
Um infeliç.

Eu vi a dhalia } *bis*
No arvoredos,
Tão pequenina, } *bis*
Mettia medo.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
No campo só,
Tão pequenina, } *bis*
Mettia dó.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
Lá em Coimbra,
Tão pequenina, } *bis*
Era tão linda.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim querida, etc.

Eu vi a dhalia }
Lá em Cascaes, } *bis*
Tão pequenina, }
Já dava ais. } *bis*

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia }
Lá em Lisboa, } *bis*
Tão pequenina }
Era tão boa. } *bis*

*Tocam-se as caixas, }
Sôa o clarim } *bis*
Sim, sim, senhores, }
Dizia assim. } *bis**

*Sim, sim, querida, }
Que mal te fiz? } *bis*
Tu já não amas }
Um infeliz. } *bis**

COMPADRE FRANCISCO FERNANDES

(CHOREOGRAPHICA)

The image shows a musical score for a song. It consists of three staves of music. The first staff is a treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is written on a single line. The second staff is a bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The bass line is written on a single line. The third staff is a bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The bass line is written on a single line. The lyrics are written below the staves. The first line of lyrics is 'Com - pa - dre Fran - cisco Fernan - des, É ma - no da Francis -' with '1ª vez' and '2ª vez' written below the first and second phrases respectively. The second line of lyrics is 'quinha Com quinha Passa - lhe a mão pelo rosto, sem tu' with '3ª vez' and '4ª vez' written below the first and second phrases respectively. The third line of lyrics is 'cá é rosa minha Passa - lhe a mão pelo rosto, sem tu' with '5ª vez' and '6ª vez' written below the first and second phrases respectively.

Quem me dera uma lima!
Q'ria limar a garganta,
Para cantar como a rola...
Como a rola ninguém canta.

*Compadre Francisco Fernandes
É mano da Francisquinha;
Passa-lhe a mão pelo rosto:
— Vem tu cá, oh rosa minha.*

Chamaste-me «amor perfeito»,
Coisa que a terra não cria:

Amor perfeito é Deus,
Filho de Virgem Maria.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Já lá vai abril e maio
Já lá vão esses dois mezes,
Já lá vai a liberdade
Com que te eu fallava ás vezes.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Mangericão da janella,
Já te podes ir seccando:
Já morreu quem te regava...
Eu já me vou enfadando.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Rua direita é lima,
A calçada é limão,
A travessa falsidade,
O adro mangericão.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

O meu amor é tão tolo,
Tão cheio de opinião...
Julga que morro por elle...
Namoro por mangação!

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de amar o valverde,
Em quanto tiver verdura ;
Hei-de amar a quem quiser,
Inda não fiz escriptura.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Hei-de cantar e dançar,
Em quanto solteira fôr,
Que as falladeiras da rua
Não teem nada que me pôr.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

O beijo que tu me deste
Sem a tua mãe saber,
Toma-o lá, já não o quero,
Que já lh'o foram dizer.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Os olhos do meu amor
Dão confeitos, não se vendem :
São laços com que me apertam,
Cadeias com que me prendem.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de amar o luar,
Deixar o escuro traidor :

Hei-de amar a quem quiser,
Não te devo nada, amor.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de-me ir assentar,
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor,
As voltas que dá na rua.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Foste dizer mal de mim
Ao ladrão do meu amor;
Passa por mim não me falla,
Tira o chapéu com rubor.

Compadre Francisco Fernandes
É mano da Francisquinha;
Passa-lhe a mão pelo rosto:
— Vem tu cá, oh rosa minha.

FARRAPEIRA

(CHOREOGRAPHICA)

Allegretto

Oh mi- nha farrapei- riinha, Oh! mi- nha Farrapei- rona, Oh! mi
nha Farrapei- riinha Oh! mi- nha Farrapei- rona 2^a Oh! o nos a-
nos Oh! mi- nha -- Farrapei- rona Apes- ta t' aperta- diinha Não an-
des à bambal- lhona Ai! e mais ai! Não an- des à bambal-
lhona Oh! mi- nha Farrapei- riinha Oh! mi- nha Farrapei rona

Chamaste-me farrapeira,
Eu farrapeira não sou;
Tenho uma camisa nova
Que me deu o meu avô.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirona:
Aperta-te apertadinha
Não andes á bambalhona.

Chamaste-me farrapeira,
Farrapeira, farrapão;
Farrapeira é você,
Mais a sua geração.

Chamaste-me farrapeira,
Eu nunca vendi farrapos;
Tenho uma camisa nova,
Toda cheia de buracos.

Chamaste-me farrapeira,
Eu nunca vendi fandengos;
Tenho uma camisa nova,
Toda cheia de remendos.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirela:
A moda da farrapeira
É bonita, gosto d'ella.

Oh minha farrapeirinha
Vira ao norte, papagaio,
Se o meu amor é vadio,
Dái-lhe um tiro e matai-o.

Oh minha farrapeirinha
Vira ao norte, vira, vira,
Vamos á sardinha fresca
Vamos á praia de Mira.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha salta qu'atrepa,

Nos dias que te não vejo
Ando levado da breca.

Oh minha farrapeirinha
Como se chama o seu home?
— Chama-se batata assada,
Sem azeite não se come.

A farrapeira dansada,
E cantada com'ella é,
Faz saltar as velhas todas
Para o pé da chaminé.

A farrapeira dansada
E cantada é bem bonita:
P'ra dansar a farrapeira
Quer-se uma saia de chita.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirona,
Trazes uma saia rôta
Quando apanhas azeitona.

Oh minha farrapeirinha,
Vira ao norte, vira ao sul;
Anda agora muito em moda,
Saia verde, fita azul.

A moda da farrapeira
É uma moda bem bonita:
Todas as modas acabam
Só a farrapeira fica.

A MACHADINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Allegro

Ai!... ai! Minha macha - di - nha Ai!...
 Sabendo qu'és minha sabendo que sou teu Sabendo qu'és
 ai! Minha macha - di - nha Quem te offen - deu Sabendo qu'és
 minha sabendo que sou teu Minha macha - di - nha Quem te offen -
 deu minha Quem te offen - deu Sabendo qu'és minha
 deu Minha macha - di - nha Quem te offen - deu.

Oh meu manjerico verde,
 Já meu peito foi teu vaso:
 Já lá tens outros amores,
 Já de mim não fazes caso!

Ai! ai! minha machadinha } bis
Quem te offendeu, sabendo qu'és minha } bis
Sabendo qu'és minha, sabendo que sou teu } bis
Minha machadinha, quem te offendeu } bis

Já lá vae pelo mar dentro
 A folhinha da ortiga:

Já perdi o norte á terra,
E o amor á rapariga.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

O jasmim tem quatro folhas,
Pelo meio tem enleios:
E pensão de quem namora
Dar á noite seus passeios.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Trago terra na algibeira,
Água fechada na mão,
Para dispôr uma rosa
Nesse teu peito, João.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Tenho renda que me rende,
Já não quero trabalhar:
Tenho navios no porto
Com janellas para o mar.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh minha bella menina,
Oh bella, se ella quiser,
Hei-de pedi-la a seu pae
Para ser minha mulher.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh quem me dera saber
O preço que o rôxo tem!
Para me vestir assim
Com sentimento d'alguem.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh amor, vae e vem logo,
Volta depois por aqui,
Que eu abaixarei meus olhos,
Jurarei que te não vi.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Quem acode ao arcypriste
Que se parte em bocadinhos?
Quem acode aos namorados,
Que se matam com beijinhos?

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Tendes coração d'assucar,
N'agua fria se derrete:
Dae-me uma pedrinha d'elle
Para que o meu se não séque.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Manjeriçào recortado,
Em volta do chafariz,
Não digas que me deixaste...
Fui eu a que te não quis!

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem:
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguém...

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Toda a vida desejei
O meu amor Manuel;
Agora tenho-o na mão,
Cahiu-me a sopa no mel.

Ai! ai! minha machadinha } *bis*
Quem te offendeu, sabendo qu'és minha } *bis*
Sabendo qu'és minha, sabendo que sou teu } *bis*
Minha machadinha, quem te offendeu } *bis*

PAVÃO

(CHOREOGRAPHICA)

alleg.^{to}

Oh! pa-vão lindo pa-vão Lindas penas o pavão tem
 Oh! pa-tem Não ha olhos para a-amar Como
 são os do meu bem Não ha bem

Toca-me nessa viola,
 Que m'a faças retenir;
 Tenho o meu amor ausente,
 Vê se o fazes cá vir.

Oh pavão, lindo pavão } bis
 Lindas penas o pavão tem }
 Não ha olhos para amar } bis
 Como são os do meu bem }

Como são os do meu bem } bis
 E como os da minha amada }
 Oh pavão, lindo pavão, } bis
 Pavão de penna dobrada }

Casadinha de ha tres dias,
Ella lá vai a chorar
Pela vida de solteira,
Que não a torna a lograr.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Deita-te d'ahi abaixo,
Meu sol, minha luz, meu bem,
Que eu te apanharei nos braços...
Ai Jesus! que elle lá vem!

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia;
Triste sou, quando me lembro
Que alegre fui algum dia.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Oh ares da minha terra
Vinde por aqui, levai-me;
Que os ares da terra alheia
Não fazem senão matar-me.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Ninguém descubra o seu peito,
Por maior que seja a dor :
Quem o seu peito descobre
A si mesmo é traidor.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Eu não posso neste mundo
Levar tal á paciência :
O que é meu logrã-lo outro...
É caso de consciência.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Oh sete estrello que andais
Lá no céu nessas alturas :
Dai-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhuma.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Os cegos que nascem cegos,
A sua vida é cantar :
Eu que já vi e ceguei,
A minha vida é chorar.

Oh pavão, lindo pavão
Lindas pennas o pavão tem } *bis*
Não ha olhos para amar
Como são os do meu bem. } *bis*

Como são os do meu bem
E como os da minha amada } *bis*
Oh pavão, lindo pavão,
Pavão de penna dobrada. } *bis*

A SEMANA SANTA

(CHOREOGRAPHICA)

Andant.^{mo}

O panno que tu me deste So- fec muito sem dar
 tambem aqto umingrato que nãoco casti nãe
 1.ª vez 2.ª vez
 ais Eu mais Ai! a mox, ai! a mox, ai! a -- mox ai a --
 1.ª vez 2.ª vez
 mox do meu coxa... ção ai! a ... ção Qui tollis, qui tolis qui
 1.ª vez 2.ª vez
 tolis, Da mium beijo mirerere nobis Qui no-bis
Lento
 Misere-re no-bis Misere-re-re
 no-bis

Altos silencios da noite
 Minhas vozes vão rompendo,
 Já que de dia não posso,
 Fallar a quem eu pretendo.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, } *bis*
Ai! amor do meu coração
Qui tollis, qui tollis, qui tollis } *bis*
Dá-me um beijo, miserere nobis
Miserere nobis.

O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pôde viver, morreu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós se estima mais?
Eu, cravo, pelas esquinas,
Tu, rosa, pelos quintais.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Se eu te vira bem casado,
Esse gosto era o meu:
Vejo-te mal empregado,
Choro o meu mal, sinto o teu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

As longas noites de inverno
De enfadonhas são mortais:
Passá-las meu bem contigo,
Ai Jesus, quem dera mais.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

No alto d'aquela serra
D'onde o penedo cahiu...
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

O rouxinol, quando canta.
Demove a pena no bico:
Como não hei-de eu chorar,
Se tu te vais, e eu fico?

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

A folhinha do salgueiro
É a primeira novidade:
Quem madruga não alcança,
Que fará quem s'ergue tarde?

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Oh minha pêra bojarda,
Pintadinha d'amarelo:
Não ateimes mais comigo,
Bem sabes que eu não quero.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Minha terra, minha terra,
Manda-me de lá dizer

Se o lindo amor que eu tinha
Inda o tornarei a ver.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

O ladrão do machinista
Por onde leva o vapor!
Leva-o por fóra das calhas,
Lá me mata o meu amor.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, } *bis*
Ai! amor do meu coração }
Qui tollis, qui tollis, qui tollis } *bis*
Dá-me um beijo, miserere nobis }
Miserere nobis